



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Seminário Tempo e História

A periodização do itinerário da historiografia contemporânea no “longo século XX historiográfico”: 1848... 2025? (2017)

Carlos Antonio Aguirre Rojas

Trabalho apresentado a disciplina AUH 5867-
História da Arquitetura e da Cidade: teoria e
método.

Fabício Goulart Moser
Márcio A. de Lima Jr.

(...) *velha sob a forma embrionária da **narrativa**, de há muito apinhada de **ficções**, há mais tempo ainda colada aos **acontecimentos**, mais imediatamente apreensíveis, ela permanece, como **empreendimento racional de análise**, jovem. Tem dificuldades para penetrar, enfim, no subterrâneo dos fatos de superfície, para rejeitar, depois das seduções da lenda ou da retórica, os venenos, atualmente mais perigosos, da **rotina erudita e dados em senso comum**. Ela ainda não ultrapassou, quanto a alguns dos problemas essenciais de seu método, os primeiros passos.*
Marc Bloch, *Apologia da História ou Ofício do Historiador*, 1941 – 1943.

Apresentação do autor

Carlos Antonio Aguirre Rojas nasceu na Cidade do México em 1955, é cientista social, obteve o doutorado em Economia pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), e é pós-doutor em História pela *École des Hautes Études em Sciences Sociales* de Paris. Hoje atua como pesquisador no Instituto de Investigações Sociais na UNAM e é docente na Escola Nacional de Antropologia e História do México. O autor tem como temas de investigação a História da Historiografia e a Teoria da História do Longo Século XX, que vai desde os aportes de Marx até o momento atual. Neste campo são destaques os trabalhos que tem desenvolvido sobre as distintas correntes marxistas da Historiografia, partindo desde o próprio Marx até Immanuel Wallerstein, passando pelas contribuições da primeira geração dos estudos de E.P.Thompson.

Também se destacam nos estudos de Aguirre Rojas a corrente francesa dos *Annales* e a Micro História italiana. Tais temas revelam seu interesse na chamada história crítica, oposta a forma positivista de fazer história, considerada pelo autor como um trabalho acrítico. Suas análises têm ampliado e difundido as metodologias históricas desenvolvidas maiormente no século XX. O autor também se dedica a investigação dos movimentos sociais atuais, especialmente os desenvolvidos na América Latina, como o zapatista. Suas investigações revelam a influência teórica de autores como Karl Marx, Fernand Braudel, Marc Bloch, Lucien Febvre, Michel Foucault, Carlo Ginzburg, Edward Thompson, Renajit Guha, Walter Benjamim, Norbert Elias e Immanuel Wallerstein.

Aguirre Rojas também é diretor e fundador da Revista científica *Contrahistorias la otra mirada de Clío (Editorial Contrahistorias)*, focada em discussões sobre o fazer histórico e a atividade historiográfica. Autor prolífico, tem escrito diversos livros e artigos traduzidos para mais de treze idiomas e publicados em mais de 26 países. Dentro da sua produção podemos destacar o livro *O antimanual do mau historiador: ou como se fazer uma boa história crítica?*, publicado em 2002, onde Aguirre Rojas discursa sobre

a importância da teoria e metodologia da história crítica, oposta ao método positivista que, segundo o autor, ainda exerce influência na maneira de se praticar, ensinar e pesquisar a história.

O livro *A historiografia no século XX: história e historiadores entre 1848 e... 2025?*, publicado em 2004, buscará traçar as origens e metodologias dos estudos históricos no século XX.

Apresentação do texto

O texto base desse seminário, intitulado *A periodização do itinerário da Historiografia Contemporânea no “Longo século XX Historiográfico”: 1848... 2025?*, é um capítulo do livro *A historiografia no século XX: história e historiadores entre 1848 e... 2025?*, publicado em 2004. O livro é uma compilação dos estudos de Aguirre Rojas sobre a História da Historiografia do século XX e busca analisar de forma crítica os movimentos e autores desse período, não apenas da história, mas também das ciências sociais em geral. O livro traça um panorama distinto de outras histórias da historiografia que acabam se limitando a inventariar, descrever e simplificar, na opinião do autor, os complexos trajetos historiográficos. Sendo assim, Aguirre Rojas constrói criticamente essa cartografia historiográfica com base no “longo século XX historiográfico”, expondo as principais tendências historiográficas, propondo novas periodizações, não com base na noção de tempo como temporalidade física, linear e cronológica, mas no tempo expandido da temporalidade histórica. O texto, assim como o livro, demonstra os interesses de pesquisa do autor, expondo as filiações intelectuais, e marcos temporais construídos na perspectiva da longa duração histórica.

Tema/Problema do texto

A partir do ponto de vista da *longa duração histórica*, conforme formulado pelo historiador francês Fernand Braudel, o artigo de Aguirre Rojas propõe uma *periodização do itinerário* da “historiografia do século XX” no arco da história da historiografia global. O autor se debruça criticamente sobre os movimentos historiográficos que pertencem a esse *longo século XX histórico*, um movimento que abarca as correntes elementares que caracterizam a historiografia contemporânea. Segundo ele expõe, esse recorte

temático não se limita a determinações cronológicas, a historiografia contemporânea tem raízes no século XIX, de onde emergiu um pensamento teórico crítico original que influenciou definitivamente as narrativas históricas produzidas ao longo do século XX e até os dias atuais do século XXI.

Na introdução da obra, Aguirre Rojas define os marcos originais que caracterizam esse “*longo século XX historiográfico*”, que influenciaram e influenciam os discursos históricos até os dias de hoje. Desse modo, o autor explica que esse movimento:

não coincide com o simples e elementar século XX cronológico, que vai de 1901 ao ano 2000, mas se refere ao verdadeiro século XX *histórico*, ou seja, ao século cuja temporalidade específica é definida a partir dos processos essenciais que em seu seio se manifestaram, como o são todos os séculos dos historiadores. Para o caso particular desta história da historiografia, tais processos nos revelaram claramente uma temporalidade que começa aproximadamente em 1848, - com o nascimento do projeto crítico do marxismo original e com os profundos efeitos revolucionários que este projeto implicou para todo o universo dos estudos históricos daquela época - e termina numa data que ainda não ocorreu, já que o conjunto de linhas evolutivas e de processos essenciais iniciados com a virada radical provocada pelo marxismo dentro da historiografia segue produzindo, nos dias atuais, seus diferentes efeitos e expressões de vigência fundamentais. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 12)

“Como fixar, ao longo do tempo, as balizas da história?” - Essa questão, formulada pelo historiador francês Marc Bloch e presente na epígrafe do artigo de Aguirre Rojas revela as motivações que o levaram até esse estudo sobre a historiografia. Diante da relevância do tema e da escassez de estudos críticos, o autor tenciona “revelar e explicitar” os traços fundamentais da produção historiográfica contemporânea, analisando dentro da sua longa curva evolutiva os progressos conquistados pelos pesquisadores nesse campo dos estudos. A tarefa de identificar as transformações e explicar as profundas modificações que redefiniram de forma fundamental o papel do historiador a partir do século XIX surgem, então, como exercício primordial para o pesquisador que decida operar com a historiografia no século XXI.

Essa concepção da história da historiografia poderia muito bem partir da definição dada a quase cem anos por Benedetto Croce ao afirmar que a história da historiografia era precisamente a *análise crítica da evolução do pensamento histórico*, ou seja, o estudo abrangente da maneira como foram se transformando as concepções, os horizontes, as perspectivas, os métodos e também os resultados historiográficos dos próprios historiadores. Definição acertada, embora parcial, à qual agora podemos acrescentar que a investigação destas mudanças e permanências sofridas pelo pensamento e obra dos seguidores de Clio deveria também ser acompanhada por um estudo

minucioso que localize tais obras e contribuições dos historiadores em seus diferentes e respectivos *contextos* historiográficos, intelectuais, sociais, políticos e gerais, com objetivo de estabelecer *periodizações* referenciais da curva da historiografia que se estuda e, ao mesmo tempo, determinar uma *classificação* abrangente que estabeleça de modo claro e coerente as diversas tendências, escolas e correntes dessa historiografia, assim como aqueles autores originais e inclassificáveis que compõem o universo historiográfico examinado. E que também seja capaz de reconstruir, cuidadosa e pacientemente, as principais linhas de encontro, as filiações, as influências, os empréstimos e as redes de circulação e de funcionamento que caracterizam e determinam as diversas dinâmicas dos sucessivos percursos da historiografia analisada, (AGURRE ROJAS, 2017, p. 15)

Objetivo do texto

Aguirre Rojas, após apresentar o problema que tratará no texto, faz um questionamento, “o que se passou com a historiografia mundial nos últimos 150 anos?”, consideramos a resposta a essa questão colocada pelo próprio autor, como o objetivo do texto, ou seja, ao responder a essa questão ele quer construir um mapa historiográfico, baseado na leitura de que a historiografia atual não começou a ser definida em 1968, nem em 1945, tampouco em 1900. O autor quer mostrar, analisando as raízes mais profundas dos estudos históricos mundiais, que a historiografia mais contemporânea começa a definir seus traços fundamentais na conjuntura crítica histórica de 1848 a 1870, época das grandes revoluções europeias e da experiência da Comuna de Paris. De acordo com o autor:

(...), se nos perguntamos mais precisamente quando começou a constituir-se o que hoje poderíamos qualificar, com todo o rigor, como a historiografia contemporânea, a resposta mais pertinente seria a partir daquele ano crucial de 1848. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 43)

Esses marcos temporais trouxeram mudanças econômicas, geopolíticas, nacionais e culturais significativas que ressoam ainda hoje. Para justificar esse lapso temporal o autor considera como referencial teórico a perspectiva da historiografia francesa, “que afirma que os séculos históricos não coincidem nunca com os simples séculos cronológicos”, corroboram com essa perspectiva de história de longa duração Fernand Braudel, Emmanuel Le Roy Ladurie e principalmente Immanuel Wallerstein que fala especificamente de um “longo século XX” que ultrapassa os marcos cronológicos.

Ao apresentar o itinerário do que se passou na Historiografia mundial desses últimos 150 anos, o autor busca justificar com base na “história de longa duração”, que

o momento de ruptura fundacional da História como ciência, com o “projeto crítico do marxismo original”, é a base do fazer história contemporâneo. Nesse itinerário ele vai construindo os ciclos da historiografia contemporânea, que passa pelos historiadores marxistas, pela história positivista, pelo movimento francês dos Annales, até a pluralidade da historiografia contemporânea.

O próprio título ao apresentar uma leitura estendida no tempo cronológico revela a utilização da “história de longa duração” na análise da Historiografia do século XX, mesmo que sua conclusão chegue ao século XXI, aos anos de 2025 ou mesmo 2050, segundo Aguirre Rojas, essa historiografia ainda apresentará estruturas e perfis embasados no período contemporâneo que se inicia em 1848. Isso também revela que a Historiografia do Século XX está recuada no tempo, pois suas bases, na realidade, estão no século XIX. O autor busca traçar o itinerário da Historiografia do século XX, utilizando pressupostos teóricos encontrados em autores como o sociólogo Immanuel Wallerstein que fala de um “longo século XX”. Nas palavras do autor:

Abarcando assim um lapso temporal que agora cobre já mais de 150 anos, essa historiografia do século XX que pretendemos investigar talvez se conclua até o ano 2025 ou mesmo 2050, constituindo-se com um evidente longo século XX historiográfico, cujas estruturas e perfis essenciais definem a paisagem geral da historiografia mundial mais atual- razão adicional pela qual resulta importante realizar este esforço de reconstrução desta história geral da historiografia do referido longo século XX historiográfico. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 12-13)

Estrutura e articulação dos argumentos principais

Para compreender o que foi o longo *século XX* da historiografia, Aguirre Rojas apresenta, de maneira formalmente didática, os seus quatro momentos fundamentais. Com o propósito de demonstrar a construção do pensamento historiográfico contemporâneo, o autor estrutura essas etapas essenciais através de um itinerário espacial e cronológico, que entrelaça a “totalidade das heranças e das tradições presentes nas formas de exercer o ofício do historiador”. Destacando cada etapa a partir de mudanças econômicas, políticas e culturais, ele localiza escolas, grupos, paradigmas e movimentos historiográficos de cada período, destacando “o conjunto de perspectivas, autores, correntes e temas centrais que ainda hoje habitam os diferentes espaços que a disciplina da história ocupa nas historiografias de todo o mundo”.

De acordo com Aguirre Rojas, a origem do pensamento presente na paisagem historiográfica contemporânea se deu no continente europeu na metade do século XIX, com o surgimento do marxismo original e então a sua concepção de ciência da história. Essa etapa fundamental do *século XX histórico* foi sucedida por dois movimentos hegemônicos: o primeiro na segunda metade do século XIX, de perspectiva positivista rankeana e original da Alemanha e Áustria, uma “contraofensiva” ao marxismo, e o segundo na primeira metade do século XX, o “contraponto perfeito” aos rankeanos, surgido na França, na escola dos Annales através do paradigma de “história problema”. A Revolução Cultural ocorrida na segunda metade do século XX inaugura o quarto e atual movimento da historiografia contemporânea com a “inédita situação de policentrismo na inovação” das práticas historiográficas em todo o mundo.

Conforme Aguirre Rojas, o “ponto de partida da historiografia contemporânea” se localiza em uma conjuntura de eventos e revoluções que vai de 1848 a 1870, um período que concentra, também, o surgimento e a primeira afirmação intelectual do marxismo na Europa. Como esclarece o autor,

o projeto crítico de Marx e Engels é, na verdade, o momento em que a história deixa esta longuíssima etapa dentro da qual viveu durante séculos e até mesmo milênios confundindo-se sem muito conflito com o mito, a lenda e o mundo da ficção e da literatura, para passar, por fim, ao esforço de constituir-se numa verdadeira “empresa racional de análise”. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 46)

O impacto do marxismo nas ideias intelectuais europeias da metade do século XIX provoca o fim de um pensamento historiográfico clássico e, com isso, a inauguração, dentro do campo das ciências humanas, do paradigma de uma “ciência histórica”, entendida, a partir de então, como uma narrativa que reconstrói, de maneira fortemente crítica, os itinerários da sociedade humana ao longo dos tempos.

Como demonstra Aguirre Rojas são muitas as correntes historiográficas herdeiras do marxismo, sendo que algumas seguiram suas ideias de forma tradicional, como o caso de expoentes como Eric Hobsbawn e o grupo da revista *Past and Present* ou o conjunto da obra de E. P. Thompson e Perry Anderson na revista *New Left Review*. Outras tendências desse fazer histórico citadas pelo autor envolvem historiadores como Pierre Villar, que teve formação marxista, mas que incorporou de maneira criativa ao longo da formulação do seu pensamento histórico outras referências intelectuais.

Outros grupos de historiadores também partilham da herança de Marx e seus discípulos, como os da multifacetada historiografia dos países socialistas, de 1914-17 a 1989, e latino-americanos, após 1968, entre outros que, através dessa corrente, criaram propostas originais, como a micro história italiana de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi.

Como localiza Aguirre Rojas, a fundação do marxismo na metade do século XIX provoca o fim da historiografia clássica e promove a fundação de uma perspectiva científica para os estudos históricos. O autor percebe, nesse contexto, um “ponto histórico crucial que mudou o sentido da curva global e secular da modernidade”, que após uma “longa fase ascendente” iniciada no século XVI começa a viver naquele momento um longo declínio.

O que significa, então, que toda a historiografia contemporânea se desenvolveu em seus distintos momentos dentro do horizonte dessa linha descendente da modernidade e, portanto, num espaço marcado pela possibilidade de avançar num sentido crítico, numa direção oposta à concepção tradicional que foi dominante durante a fase ascendente desta mesma modernidade burguesa e capitalista. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 49)

O marxismo superou os discursos históricos empiristas, míticos e legendários construídos ao longo do surgimento e ascensão da modernidade e as suas contribuições elevaram a história ao estatuto de uma ciência social frente as ciências naturais.

Aguirre Rojas encerra essa primeira fase da historiografia contemporânea apontando as principais contribuições provocadas no campo da história pelo pensamento de Marx, como “a ideia de que a história deve primar pelos fatos reais” e, portanto, é materialista, e “a tese de que a história é feita pelos grandes grupos e classes”, isso quer dizer, “é sempre uma história profundamente social”. O autor lembra ainda que o marxismo imprimiu outras noções caras a prática historiográfica atual, como “a reivindicação da história como história total ou global” e que ela é um “exercício permanente da consciência crítica”, e de que em sua análise são importantes os “distintos fatos e dimensões econômicos” e a sua natureza dialética, uma vez que está em jogo as “contradições do processo humano”. Ele encerra a sua análise desse período fundacional da historiografia contemporânea entre valorizações e críticas a pluralização e a readaptação do marxismo na historiografia contemporânea.

O segundo período elementar desse longo *século XX histórico* da historiografia contemporânea, conforme situa Aguirre Rojas, está localizado entre os anos de 1870 e

1930, e representa uma regressão em relação ao momento anterior. Essa segunda fase é, na visão do autor, marcada pela “exacerbação dos nacionalismos” e por uma espécie de “contraofensiva intelectual contra os movimentos críticos e as posturas intelectuais de contestação”, o que afetará, sobremaneira, os avanços conquistados anteriormente de forma crítica, com a emergência das teorias marxistas, dentro do campo da história. Assim sendo, ele percebe que tal situação contribuiu para o surgimento de uma primeira hegemonia no itinerário da história da historiografia contemporânea, constituída dentro da cultura germânica, calcada numa ideia de história “exageradamente objetivista” e na qual seu propósito está submetido a “educação cívica e nacionalista”.

Segundo a Aguirre Rojas, esse movimento de cunho retrógrado se deve também ao fato de as ideias marxistas estarem, nessa época, orbitando os “movimentos sociais e políticos revolucionários”, sem ter conseguido, ainda, adentrar nas universidades. Nesse momento, considera o autor, esse modelo historiográfico de língua germânica teve força para emergir através das universidades como um “sistema em que uma nação, um espaço, ou área intelectual funciona como o centro principal da inovação historiográfica” e, assim, as demais historiografias mundiais “imitam ou seguem” tal padrão formando “periferias e semiperiferias deste mesmo centro”. O modelo historiográfico alemão, conforme ele conclui, irá contagiar sobremaneira as “pesquisas, os temas e debates” sobre a história produzidos na vanguarda do período em todo o mundo e até ao redor da Primeira Guerra Mundial no início do século XX.

Aguirre Rojas lembra como as ideias intelectuais de língua germânica concentraram polêmicas e inovações nessa época, formando um ambiente capaz de influenciar o mundo todo para além dos debates sobre a história, mobilizando, por exemplo, discussões em torno das “ciências naturais e do espírito”. Nessa conjuntura produtiva, conforme observa o autor, surge o modelo de história positivista, que rapidamente dominará a historiografia alemã e austríaca, depois a Europa e o mundo. Entretanto, ele observa com cuidado a aplicação do termo positivista a história alemã produzida no período e esclarece que a forma como ela é entendida nos dias de hoje demonstra como a sua prática ignorou, diante da “impossível ‘objetividade’” e na tentativa de equiparação com as ciências naturais, as conquistas em direção a uma ciência histórica, reduzindo o papel do historiador à uma dimensão puramente erudita.

Outro conceito debatido por Aguirre Rojas e que é aplicado aos estudos históricos desse período diz respeito a figura do historiador alemão Leopold Von Ranke: “história positiva e rankeana”. Nesse caso, o autor esclarece que, a acomodação cristalina da filiação ao historiador alemão representa, em verdade, uma síntese das transformações operadas com as democratizações promovidas pela Revolução Francesa de 1789, que permitiram a ele e a outros historiadores do período o acesso a uma imensa quantidade de documentos e dados que antes estavam sob segredo de Estado. Foi nesse contexto, nota ele, que se constituiu um olhar exagerado para “as matérias-primas básicas” do historiador e que se fortaleceu um entendimento sobre as fontes que, ainda hoje, está presente em boa parte da historiografia contemporânea.

A historiografia positiva – que se caracteriza, entre outros traços, por um culto fetichista e exagerado em relação ao texto – é uma história empobrecida, que reduz o trabalho do historiador à uma simples tarefa do erudito ou do antiquário ao considerar tais documentos escritos como a única e exclusiva fonte legítima de trabalho histórico, projetando, como definição e concepção do que é e do que deve ser a disciplina histórica, essa visão resultante, efetivamente de um século inteiro de compilação de documentos, de um século de classificação, verificação da autenticidade e atualização desta informação que antes não era acessível aos historiadores. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 55/6)

Dentro dessa longa crítica a essa fase hegemônica da historiografia contemporânea, Aguirre Rojas aponta que foram positivos nesse movimento apenas os elementos adquiridos através da sua dimensão erudita e que dizem respeito ao ofício do historiador, como a insistência “na relevância de aprender o trabalho paciente de busca de fontes e distinguir fonte histórica de fonte literária”, a fundamentação dos “procedimentos habituais da crítica externa e crítica interna” dos documentos e, por fim, a necessidade de questionamento sobre a autenticidade das fontes.

Conforme critica Aguirre Rojas, uma das principais limitações dessa historiografia positivista é que ela se baseia em apenas um tipo de fonte, a textual, o que faz com que as vertentes que bebem no seu modelo de escrita, e que permanecem na paisagem contemporânea, adquiram uma imagem anacrônica. Ainda segundo o autor, os preceitos dessa historiografia também levaram à debates ultrapassados, como os que ocorrem em torno da impossibilidade de escrita da história das temporalidades que não produziram documentos textuais. Outra base desse modelo histórico alemão que é fortemente criticada até hoje advém de sua pretensa “ ‘objetividade’ absoluta” dos

fatos, o que significa ignorar “toda a dimensão interpretativa e explicativa da ciência histórica”, um contraponto as ideias difundidas anteriormente pelos marxistas.

Como observa Aguirre Rojas, os historiadores positivistas também defendem a ideia “absurda e ridícula” de que a história é uma disciplina que “estuda o passado humano”, renunciando a sua relação com o presente. Para o autor, essa perspectiva historiográfica, que também se considera pretensamente neutra, acaba se tornando “muito descritiva, narrativa, erudita e fechada em suas próprias e limitadas visões dos problemas sociais e históricos”. Desse modo, ele aponta a problemática da historiografia positiva e rankeana AO se apoiar em um único tipo de fonte, pois irá desse modo,

se concentrar, limitadamente, no estudo e na análise de apenas certas dimensões do tecido social, nos fatos biográficos, políticos, diplomáticos e militares do acontecer histórico humano. E também será, como foi já várias vezes indicado, uma história com uma função muito memorialística, muito nacionalista e até mesmo chauvinista, vinculando-se estreitamente com os interesses do Estado e com suas visões e objetivos gerais, para afirmar a função das histórias oficiais de preparar “bons cidadãos” e de reforçar neles a consciência nacional e patriótica. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 59)

Ao comparar o pensamento dos historiadores considerados pós-modernos e os historiadores positivistas, Aguirre Rojas tece algumas críticas, afirmando que “apoiam-se na mesma incapacidade de reconhecer e reconstruir de forma equilibrada a complexa dialética entre realidade e interpretação”, entre outras variantes, como o estatuto dos fatos reais e verdadeiros e a formulação, a partir deles, de uma “explicação coerente e racional a partir de sólidos modelos interpretativos”. Para além da linha positivista dominante no contexto da historiográfica germânica do período, o autor localiza outras posturas historiográficas marginais do período, inclusive que mantiveram viva as correntes marxistas, como a de Otto Bauer e da historiografia crítica de Max Weber. Entre outros debates históricos singulares gerados no seio da cultura germânica dessa época, está também o desenvolvimento de um grupo de linhas importantes a partir do qual surgiu como um estatuto especial as “ciências da cultura”.

Encerrando a análise dessa segunda etapa da historiografia contemporânea, Aguirre Rojas conclui que contribuíram para a derrubada dessa hegemonia intelectual alemã a derrota na primeira guerra mundial, o “clima racista, anti-intelectual e irracional criado pela ascensão do nazismo ao poder”, que culminou na segunda guerra mundial e em mais uma derrota. O autor chama atenção para esse período histórico do país como

uma “anomalia” ou uma “exceção perversa” que os alemães, ainda, não assimilaram. Por fim, ele destaca que as ideias germânicas da época se projetaram também nas ciências sociais, nas artes e em outras áreas, germinando e erradicando rapidamente ideias importantes para o século XX, como as desenvolvidas por Sigmund Freud, pelos participantes do Círculo de Viena e da Escola de Frankfurt, que reuniu intelectuais como Max Weber, ainda pela produção artística de expoentes como Bertolt Brecht no teatro.

A terceira etapa desse itinerário da historiografia contemporânea é, conforme afirma Aguirre Rojas, um segundo movimento intelectual hegemônico, que surge na França com a crise do domínio das ideias positivistas, difundidas através da Alemanha e Áustria, que sofrem a ascensão do nazismo após a derrota na primeira guerra mundial. Conforme explica o autor, esse segundo movimento será originado na escola dos Annales e se constituirá como um polo dominante no contexto universitário do país, que convergirá do mesmo modo as discussões sobre as ciências sociais, influenciando, conseqüentemente, as correntes de pensamento da Europa e de todo o mundo num período que vai de 1929 a 1968. Esse projeto historiográfico francês, como ele afirma, será um “contraponto perfeito a historiografia positivista” e acabará provocando nessa fase uma profunda e produtiva “revolução na teoria e na prática da história”.

Aguirre Rojas destaca os principais contrapontos entre essas correntes dominantes da historiografia contemporânea, mostrando como a segunda, de língua francesa, se sobrepôs as questões apresentadas pela primeira, que é de língua alemã. As mudanças mais significativas no horizonte da historiografia da época são, conforme destaca o autor, a passagem de uma história “concentrada apenas no militar, biográfico, político e diplomático” à uma história “totalizante, que abarque claramente todo o tecido social em seu conjunto”, o que gera uma abertura a novas abordagens analíticas. Conforme ele observa, a história ultrapassará as esferas nacionais e os “grandes homens e grandes batalhas e tratados” em direção a uma história global das “civilizações, as estruturas econômicas e as classes sociais, as crenças coletivas populares ou o moderno capitalismo”, e das “realidades geográficas, territoriais, étnicas, antropológicas, tecnológicas, econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas, artísticas etc.”

Outra mudança de perspectiva radical anotada por Aguirre Rojas diz respeito a forma como os historiadores desse terceiro período da historiografia contemporânea, os considerados analistas, enxergarão a natureza e o sentido da sua prática.

Diferentemente dos historiadores positivistas, que afirmavam ser a história uma disciplina que estuda o passado, o autor observa que a nova historiografia nesse contexto obterá, através do prisma analítico, o estatuto de uma ciência que leva em conta “todo o vestígio humano existente em qualquer tempo”, o que implica um sem limites de temporalidades e extrapolar ideias ultrapassadas, como a de que civilizações cujos documentos não chegaram aos nossos dias não possam ser objeto da história. Nesse sentido, as fontes de apoio para a escrita historiográfica se tornarão extensas, diversificadas e múltiplas, englobando da vasta iconografia produzida ao longa da humanidade a técnicas científicas importantes do período como a datação por Carbono.

Não só a natureza das fontes, mas também o olhar do historiador, como explica Aguirre Rojas, será modificado pelo fortalecimento da corrente historiográfica surgida na escola dos Annalles. Segundo o autor, o historiador não mais, então, apenas, lerá os documentos, ele irá interpretar eles “a contrapelo”, de “maneira densa, exaustiva e intensiva” como “testemunhos involuntários dos fatos que investiga”, para “força-los” a “dizer” mais do que eles pretendem contar em superfície. Essas mudanças radicais na historiografia irão constituir ao redor dos Annales uma nova ideia da história, “fundamentalmente interpretativa, problemática, comparativa e crítica”, um modelo comparativo que revelará o singular e o específico de cada fenômeno, bem “como seus elementos comuns e universais, perpassando assim a dialética complexa do particular e do geral dentro das grandes curvas evolutivas dos processos humanos analisados”.

Como explica Aguirre Rojas, essa nova forma de fazer história se voltará contra a historiografia que a precedeu, ao elaborar “modelos gerais de explicação” e a “construir conceitos e hipóteses igualmente gerais”. O principal paradigma produzido dentro desse contexto será o da “história problema”, sobre o qual o autor disserta:

Toda a investigação histórica séria começa justamente pela delimitação do “questionário” ou da pesquisa a elucidar, o que determina em certa medida o próprio trabalho de erudição. Dado que “somente se encontra o que se procura” e que “os textos falam de acordo com o que se interroga”, então toda verdade histórica é forçosa e necessariamente uma verdade relativa, e isso implica que também todo o resultado historiográfico é sempre suscetível a um aprofundamento, enriquecimento e, inclusive, até mesmo à revisão total e radical. (AGUIRRE ROJAS, 2017. p. 65)

A temporalidade linear e simplista da história positivista também será colocada em questão com a valorização de uma “decomposição articulada dos diferentes tempos

e durações históricas” o que fará surgir um ponto de vista “da longa duração histórica e a partir da explícita classificação de sua duração e temporalidades correspondentes”.

Essa história analítica, conforme destaca Aguirre Rojas, desconfiará das “versões oficiais” que a antecederam, se constituindo como uma contracorrente de “tais visões dominantes” resgatando, assim, de forma crítica “passados vencidos ou subterrâneos” que foram ao longo do tempo, “ignorados ou desdenhados pela história oficial”. Conforme situa o autor, essa conjuntura de mudanças em torno da escola dos Annales mobilizou pensadores importantes como Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel. Um projeto que se abrirá para novos campos e temas como, entre os quais ele destaca:

a história quantitativa e de séries históricas, da história das crenças coletivas e da sensibilidade popular, da história econômica dos preços, da tecnologia ou das formas da paisagem rural, da história demográfica ou da antropologia histórica, assim como da história da civilização material, da geografia histórica e até da “geo-história”, ou da história da vida cotidiana de toda a estrutura social, entre outras. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p.66)

Por fim, encerra Aguirre Rojas sua análise sobre essa terceira fase da historiografia contemporânea chamando a atenção para o fato de que foi um período de muitas contribuições para a natureza e o sentido as práticas historiográficas atuais.

Um quarto e atual período identificado por Aguirre Rojas em sua análise de longa duração da historiografia contemporânea tem o seu marco inicial na Revolução Cultural ocorrida no mundo a partir de 1968. Segundo o autor, esse ano e os movimentos que surgiram em seu seio representam uma “fratura” ou “ruptura” definitiva nas formas de reprodução cultural da vida moderna, o que revolucionou também o complexo universo da história e o ofício do historiador dentro de seu campo de estudos. Dessa forma, no campo da historiografia global, a escola francesa dos Annales entra em um período de regressão, por que deixa de lado os campos econômicos e sociais para apostar na escrita de uma história das mentalidades, que vai, em um primeiro momento, exercer forte influência na França como em toda a Europa para, em seguida, ser superada e fortemente criticada em todo o mundo por sua ambiguidade e limitação.

A respeito do impacto da revolução cultural na construção dessa nova etapa da historiografia contemporânea, Aguirre Rojas comenta que,

longe de se constituir uma nova hegemonia historiográfica planetária, ganhará espaço um novo modo de articulação e de inter-relação entre as diversas historiografias nacionais em todo o mundo. Um novo modo que já não reproduz o esquema de um centro hegemônico e de múltiplos satélites

que o imitam ou o seguem com maior ou menor independência, mas no qual se forma um esquema policêntrico muito menos hierarquizado e muito mais plural e diversificado em relação aos espaços de geração e de desenvolvimento das inovações historiográficas. Uma situação multicêntrica radicalmente diferente das etapas anteriores da historiografia do século XX, que implica a inexistência de uma só historiografia dominante no mundo e a formação de toda uma série de polos fortes desta mesma historiografia mundial junto a vários polos emergentes. E tudo isso num contexto geral no qual as mais importantes obras da história desta época, ou os novos paradigmas metodológicos de nossa disciplina, ou novos campos, técnicas, métodos, conceitos e teorias da história são descobertos, inventados, gerados e reproduzidos em todos os cantos do vasto espaço da historiografia mundial atual. (AGUIRRE ROJAS, 2017, p. 69)

Dois dos quatro principais polos da multicêntrica historiografia contemporânea são, conforme observa Aguirre Rojas, a micro-história italiana, desenvolvida por Carlo Ginzburg e que têm variado impacto no campo da história cultural, e as vertentes da história social, demográfica, econômica ou da família, que esboçam uma quarta geração dos Annales e dos quais é um porta voz Edoardo Grendi. Da mesma forma, o autor direciona o olhar analítico para os avanços das revistas que representam as correntes da historiografia socialista britânica e os trabalhos históricos de Immanuel Wallerstein. Na paisagem da historiografia contemporânea, ele define como polos emergentes os estudos ao redor da antropologia histórica russa, dos estudos subalternos hindus, da nova história social e cultural alemã e da história regional latino-americana e outros.

Para Aguirre Rojas, esse processo multicêntrico que afeta a historiografia mundial contemporânea é sustentado por um movimento similar maior, que surge com a crise das estruturas econômicas, políticas e sociais da segunda metade do século XX e tem reflexo nas discussões em torno do multiculturalismo e no fim de centralidades exclusivas e dominantes em sociedades contemporâneas. Houve também uma mudança significativa na compreensão do sujeito social revolucionário, lembra o autor, que tinha como modelo a classe trabalhadora e que então adquire novos contornos para incluir a diversidade de grupos e sujeitos que surgem a partir das questões de gênero, da ecologia, da diversidade cultural e sexual, entre outros. Do mesmo modo, a crise mundial e a derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã fazem com que no campo da geopolítica surjam novos polos de poder, como o Japão e a Europa Ocidental.

Aguirre Rojas encerra a análise sobre esse quarto período da historiografia contemporânea chamando a atenção para o pensamento crítico do americano Immanuel Wallerstein. Conforme destaca o autor, Wallerstein enxerga esse momento

atual como uma “crise terminal do sistema histórico capitalista”, que se depara com uma bifurcação que deverá provocar a “formação de múltiplos novos padrões de funcionamento” social, que influenciarão não apenas a história e a historiografia, mas a sociedade e a cultura como um todo. Ele termina o texto recorrendo aos principais elementos presentes nas três fases anteriores desse itinerário de longa duração, aspectos que marcaram e marcam de forma elementar essa quarta e atual etapa da historiografia contemporânea, colocando um complexo desafio ao ofício do historiador nos dias de hoje, que precisa, além de seriedade crítica e audácia, de muita criatividade.

Referências Bibliográficas

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **A Historiografia no Século XX: História e Historiadores entre 1848 e... 2025?** Tradução Fernando Correa Prado. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

AGUIRRE, ROJAS, Carlos Antonio. **O antimanual do mau historiador: ou como se fazer uma boa história crítica?** Tradução Jurandir Malerba. Londrina: Eduel, 2007.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989); a Revolução Francesa da historiografia.** Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

Prêmio Universidade Nacional 2013. Dr. Carlos Antonio Aguirre Rojas – *Investigación em Ciencias Sociales*. Universidad Nacional Autónoma de México, 2013. Disponível em <https://dgapa.unam.mx/index.php/semblanzas-ano-pun-2015/semblanzas-2013-pun-2015/434-2013a05-aguirre-rojas-carlos-antonio>. Acesso em 26 de março de 2020